

Psicolinguística: A Aquisição da Linguagem Oral e Escrita na Infância

MARINHO, Zenilda M.

Curso de Licenciatura em Letras
Centro Universitário Internacional Uninter

CORBANI, Clair Terezinha ¹

Professora Orientadora

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de descrever sobre o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na infância, será aqui mencionado as principais teorias que fundamentaram e algumas que ainda fundamentam este tema. A aquisição destas linguagens assume um papel fundamental no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo da criança. Pode ser feita uma reflexão nesta leitura sobre as concordâncias e divergências entre as teorias e as importantes descobertas que a neurociência trouxe para a educação. Estas descobertas ainda não estão inseridas nas escolas e não são ainda conhecidas por muitos profissionais. A linguagem tanto oral, quanto a escrita são fatores que vão além da comunicação, elas desenvolvem raciocínio e a abstração na mente do ser humano. São muitos argumentos com fundamentação em evidências empíricas e científicas sobre os benefícios que a aquisição destas, no tempo certo trará para o desenvolvimento infantil. A linguagem oral é aprendida de forma natural, já a escrita precisa de um ensino sistematizado para que aconteça com sucesso. Os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos, são de diferentes visões, não cabe aqui dizer o que é certo ou errado, somente apresentar as bases fundamentais de pesquisas científicas.

Palavras-chave: Linguagem. Infância. Alfabetização

INTRODUÇÃO

A linguagem oral é uma capacidade que os seres humanos desenvolvem ouvindo outras pessoas falarem, embora a teoria inatista defenda que a linguagem é

¹ Orientadora. Possui graduação em Letras – Inglês, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR); Especialização em Magistério da Educação Básica, Interdisciplinaridade na Escola, pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX); Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo Centro Universitário Curitiba, (UNICURITIBA); Especialização em Educação a distância com ênfase na formação de tutores, pelas Faculdades São Braz (SÃO BRAZ). Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

uma herança geneticamente herdada, pode-se afirmar que é uma competência aprendida pelo meio social. O processo de aquisição da linguagem oral materna pela criança é rápida e não precisa de muitas lições formais como na aquisição da escrita, basta que as condições biológicas (aparelho fonador, audição e cognição) favoreçam e que ela seja exposta as situações de interações com os sons da fala. Por isso, é difícil discordar da teoria de Comsky, o qual postula que nascemos dotados de competências linguísticas, e que a habilidade de desenvolver a linguagem é inata.

Tanto a linguagem oral quanto a escrita tem importância fundamental no desenvolvimento intelectual na infância, e o atraso dessas línguas podem gerar problemas futuros na aprendizagem. Pensando desta forma, qual a importância destas, no processo do desenvolvimento cognitivo e na vida social da criança e como ocorre a aquisição delas? A linguagem oral e escrita são elementos importantíssimos para ampliar as possibilidades de inserção e participação das crianças nas práticas sociais, são entendidas como organizadoras do pensamento e raciocínio, sendo um meio de comunicação e interação social.

Existem vários autores com suas teorias sobre o desenvolvimento da linguagem, aqui serão apresentadas algumas abordagens e pesquisas relacionadas a este assunto. Segundo Vygotsky (1896-1934), há um encontro entre pensamento e fala, neste encontro, surge uma nova organização linguística cognitiva. Este teórico afirma que a linguagem é fundamental para o desenvolvimento mental, sendo organizadora do pensamento, e destaca sua função social e comunicativa. Emília Ferreiro (1936) fundamenta seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, com base na teoria piagetiana. Lúria(1902-1977) defende a escrita como um importante instrumento de uso sócio cultural, que quando aprendida, altera as funções psíquicas superiores. Chomsky em 1958, causou uma revolução na área da linguística, por prescrever um tipo de linguagem universal. Skinner (1904-1990) igualava o aprendizado da linguagem a outros aprendizados de comportamentos humanos, para ele, a linguagem era um comportamento funcional. A neurociência para entender a aprendizagem da leitura, realizou estudos e experiências com tecnologias de imagens cerebrais que ajudaram a descobrir como o cérebro aprende a decodificar um código tão complexo, que é a escrita.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

As teorias da aquisição da linguagem tentam explicar como ocorre o aprendizado de uma língua, cada uma delas surgiram fundamentadas no contexto social de sua época. Vamos apresentar neste artigo as principais, entre elas estão a behaviorista, conexionista, cognitivista e interacionista. Será descrito aqui as mais conhecidas, começando pela teoria behaviorista, também denominada de teoria comportamental, por ser entendida como prática e experiência, o seu caráter é essencialmente empirista. Segundo o empirismo, todo conhecimento, inclusive o linguístico, provém unicamente da experiência.

A teoria behaviorista desconhece os estados mentais da consciência, incluindo a inteligência, nega a teoria inata e alega que todo comportamento é adquirido ao longo da vida. Para B. F. Skinner (1904/1990 - defensor do behaviorismo) a linguagem também pode ter um reforço positivo (recompensa) ou negativo (punição) ou não ter nenhum reforço.

No contexto escolar, podemos perceber o behaviorismo quando o ensino é de caráter repetitivo, reprodutivista e pouco reflexivo. Neste ensino o aluno é considerado uma tábula rasa, ele só desenvolve seu conhecimento por meio de estímulo resposta, imitação e reforço.

O conexionismo (ou associacionismo) surgiu recentemente, embora fundamentada no pensamento empirista, argumenta que há uma estreita relação entre aprendizagem e memória. Smonlenk (1988) diz que esta teoria busca compreender o processamento linguístico, que ocorre através da ativação de várias sinapses neurais ao mesmo tempo. Segundo este autor, a aprendizagem acontece quando as sinápticas são ativadas. Os órgãos sensoriais, captam as informações que são transformadas em elementos mínimos, desta forma, de acordo com os sentidos que captou tais conhecimentos, aparecerão diversas ativações neurais e diferentes redes se ativarão.

A linguística gerativa (fundamentada na corrente filosófica racionalista) ganhou força com a formulação do problema lógico do desenvolvimento da linguagem em seus estudos de aquisição linguísticas, que ao mostrar um modelo formal da gramática, confrontou-se com o fato de explicar como as gramáticas são identificadas pelas expressões geradas num período de tempo relativamente curto.

Noam Chomsky propõe essa teoria baseada na rapidez do processamento linguístico em áreas específicas do cérebro. A linguística gerativa é fundamentada na investigação de que a criança aprende um idioma, simplesmente por viver num meio em que se fala essa determinada língua, entre os 3 e 4 anos já está com um vocabulário quase completo. Segundo Chomsky, devido às características da linguagem ser tão abstratas e complexas, elas seriam herança genética, por ser considerado por ele algo adquirido biologicamente.

Entretanto, a linguística gerativa reconhece que para o processo da aquisição da linguagem materna acontecer, não basta somente a capacidade inata, é necessário estar em um determinado meio social, em contato com os falantes para que haja a aprendizagem de um idioma. Um exemplo que pode nos ajudar a entender a explicação do conhecimento inato sobre o funcionamento de uma língua geral, e que isso faz parte da competência dos seres humanos, é o fato que de as crianças não cometem erros nas estruturas das frases como “casa ir não eu não posso – eu não posso ir para casa”. Analisando desta forma, é perceptível que um falante da língua portuguesa conhece as organizações lexicais em gramática.

Teoria Cognitivista

O cognitivismo acredita que a linguagem está associada à cognição, para esta teoria o desenvolvimento da língua, são processos decorrentes do raciocínio na criança. Os estudos de Piaget, não estão necessariamente direcionados à aquisição da linguagem, mas na relação entre linguagem e pensamento. Ele não aceitou as considerações do empirismo tradicional de que existiriam estruturas endógenas no indivíduo, propiciadoras do desenvolvimento e da inteligência. Pois, para este autor o conhecimento é resultado da interação entre sujeito e objeto. Sendo essa interação, dependente de fatores internos que são modificados a cada etapa do desenvolvimento das estruturas mentais.

Piaget afirma que o sujeito constrói estruturas relacionadas ao conhecimento, pela experiência com o mundo físico, ao interagir com ele. Segundo ele não basta que a criança esteja somente exposta à interação social, ela deve estar preparada biologicamente, dependendo da maturidade. Na concepção deste autor, o sujeito deve desenvolver etapas necessárias para adquirir determinado conhecimento,

obedecendo aos processos dos estágios denominados por Piaget de: Sensório motor; pré-operatório; operatório concreto e operatório formal.

Este teórico realizou pesquisas psicogenéticas sobre as origens e estrutura do conhecimento, desta forma, investigou a função da lógica e da linguagem. É nesta linha de investigação que se iniciaram os primeiros estudos sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

As investigações sobre o pensamento e linguagem da criança na perspectiva piagetiana, explica que há uma passagem do egocentrismo infantil (pensamento centrado no ponto de vista da criança) para a objetividade (capacidade de relativização dos pontos de vista) e para o pensamento lógico. Esta passagem encontra-se muito relacionada à linguagem socializada e para entender o progresso do pensamento infantil, que é principalmente egocêntrico, a teoria de Piaget mostra que os fatores sociais e culturais são promotores do desenvolvimento do pensamento. Ele descreve a evolução do pensamento autístico (individual e incomunicável) para o pensamento dirigido (socializado, interação entre indivíduos). Esta evolução é concedida pela ação do meio social e da linguagem. Ele explica que a oposição entre as duas formas de pensamento obedece ao fato de que a inteligência se socializa progressivamente e formula conceitos ligados ao pensamento e as palavras. O pensamento egocêntrico é uma característica dominante nas crianças antes dos 7 anos de idade, após esta idade, o pensamento socializado começa a dominar e as características egocêntricas continuam internalizadas na área mais abstrata do pensamento verbal.

Quando Piaget em suas experiências classificou o desenvolvimento da linguagem nas crianças em egocêntrica e socializada, ele quis dizer que na fala egocêntrica a criança fala apenas de si mesma, sem interesse pelo outro, não tenta comunicar-se, não espera por resposta e nem sabe se alguém a ouve. Na fala socializada, já estabelece comunicação com o outro, transmite informação e informa. O desejo de interagir com os outros faz com que a fala egocêntrica desapareça, segundo Piaget esta fala não cumpre função verdadeiramente útil no desenvolvimento da criança. Já Vygotsky observa de forma diferente, em suas experiências ele revela que a fala egocêntrica é importante para a criança solucionar problemas do cotidiano.

Teoria Interacionista

Vygotsky realizou experiências com crianças para entender qual a relação entre linguagem e pensamento e a sua compatibilidade com o desenvolvimento, mostrou em suas experiências que a linguagem egocêntrica é favorável para a busca do planejamento e a resolução de problemas do cotidiano.

Para compreender a relação entre pensamento e linguagem, Vygotsky analisou o desenvolvimento infantil, segundo ele antes mesmo da criança desenvolver a oralidade, ela apresenta habilidade em resolver problemas práticos e sabe utilizar estratégias para atingir objetivos. Estas habilidades são definidas por ele como fase pré-verbal do pensamento, nesta fase ela é apta por exemplo, a dar a volta no sofá para pegar um brinquedo que caiu atrás dele, sem precisar ter o objeto em vista. Isto é uma habilidade que é independente da linguagem, é considerada uma inteligência primária.

Mesmo que ainda não usem a linguagem como forma de comunicação verbal, as crianças bem pequenas, utilizam os balbucios, o choro e o riso, que são manifestações emocionais utilizadas como um meio de contato social e comunicação. Esta fase foi chamada pelo pesquisador de fase pré-intelectual da linguagem, na qual os pequenos dependem dos sentidos para representar seu mundo por meio de sons e gestos, conectados à inteligência prática. Aproximadamente aos dois anos de idade, o pensamento já está encontrando com a linguagem, e inicia-se uma nova forma de funcionamento cerebral. A fala já é voltada para a função intelectual, simbólica e generalizante e o pensamento já é relacionado com conceitos ligados à comunicação verbal.

Para Vygotsky a criança passa por quatro fases: Natural ou primitiva (corresponde à fala pré-intelectual e o pensamento pré-verbal), psicologia ingênua (inteligência prática), signos exteriores (fala egocêntrica) e o crescimento interior (internalização das operações externas). Segundo ele, os primeiros sons do bebê são separados do pensamento, a união entre a fala e o pensamento só começa a partir dos dois anos de idade, então passa a organizar o pensamento com esta união. Nessa idade, o conhecimento adquirido pela criança através do mundo externo, passa a se internalizar, usando as representações mentais. A fala é resultado da

internalização da ação e do diálogo, será um suporte para a criança dominar seu comportamento e também o ambiente o qual a cerca.

A teoria interacionista acredita na interação verbal entre criança e adulto e entende o desenvolvimento da linguagem e do pensamento através das relações sociais externas, entre trocas e diálogos. Desta forma, gera a aprendizagem nas relações com os outros, por isso é nomeado de sociointeracionismo, proposto pelo autor. Nas interações, o adulto tem uma participação muito essencial durante o processo de aquisição da linguagem, servindo como mediador entre as informações assimiladas pelas crianças através do meio. Desse modo, se aprende com o outro aquilo que em breve será capaz de fazer sem ajuda, essa fase é chamada de zona de desenvolvimento proximal (é uma fase de transição entre aquilo que é capaz de fazer sozinha, e aquilo que não é capaz de realizar só, precisando da ajuda de alguém). As informações recebidas através do meio externo pelas crianças são por elas internalizadas, reelaboradas e transformadas em uma linguagem interna e individual.

DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM NA INFÂNCIA

A linguagem é fator fundamental para que aconteça a comunicação e socialização entre os indivíduos, portanto, os distúrbios da linguagem ocasionam prejuízos diretamente sobre a vida social das crianças ou adultos. Este problema no desenvolvimento infantil, geralmente é percebido pelos profissionais da educação ou da saúde como questões importantes a serem resolvidas precocemente e devem ser encaminhadas para tratamentos específicos. As dificuldades na comunicação infantil fazem parte de algumas doenças mais prevalentes, as quais causam atraso no desenvolvimento e frequentemente prejudicam a audição e fala. Na maioria das vezes, esses atrasos ou distúrbios são percebidos pelos pais ou professores, pelo fato de as crianças apresentarem complicações na comunicação. É reconhecido que elas terão na idade escolar, se não forem tratadas adequadamente por um profissional, transtornos na aprendizagem. O profissional adequado para atender distúrbios de linguagem oral, escrita, voz e audição é o fonoaudiólogo, nesse processo de tratamento, há também outros profissionais para acompanhamento como professores, pediatras, psicólogos, neurologistas.

O bebê ao nascer é capaz de se comunicar através do choro e gestos, logo consegue discriminar vozes e comportamentos que são base para o desenvolvimento da comunicação e da linguagem. E quando começa a atribuir sentido ao comportamento dos adultos, ela inicia neste momento atuações com significados que reproduzidos intencionalmente por ela. O contato com a mãe através da fala, dos gestos, do olhar, são pré-requisitos para o desenvolvimento da linguagem. Nos primeiros meses de vida, mostra vozes automáticas como o choro e o grito, esses não são só importante para a comunicação, são também fundamentais para exercitar o trato vocal. No segundo mês de vida iniciam-se o sorriso e o balbucio, que ainda são reflexos sem intenção de comunicação, mas apresentam prazer.

Aos quatro meses a criança amplia seu repertório vocal inserindo sons consonantais e mais tarde produz sons silábicos, nesta fase ainda não há a ideia de comunicação. A partir do primeiro ano de vida, descobre sua própria voz e a sua função de comunicação, por volta dos dois anos começam as primeiras palavras com significado, então seu vocabulário aumenta gradualmente. Aos três anos já tem a capacidade de uma conversa coesa.

Os primeiros anos de vida da criança será decisivo para o desenvolvimento sadio de uma linguagem e isso dependerá de um ambiente familiar comunicativo e estimulador. Entretanto, a aquisição normal da linguagem não depende só do ambiente interativo, dependerá também de muitos fatores como capacidades cognitivas, histórico pré-natal, perinatal e pós-natal. Dependerá então, do bom funcionamento auditivo e das estruturas envolvidas na produção da fala.

A linguagem oral é adquirida por meio da audição, ao ouvir, a criança identifica e discrimina os sons da fala, para em seguida compreendê-los e reproduzi-los. Ao familiarizar-se com as estruturas da língua é possível desenvolver condições linguísticas apropriadas para o desenvolvimento da oralidade.

O desenvolvimento inadequado da linguagem pode gerar problemas no desempenho cognitivo e desenvolvimento sócio emocional da criança e do adolescente. Muitos distúrbios da comunicação podem ser evitados ou minimizados precocemente por meio de intervenção de pais, profissionais da educação e profissionais da saúde. Alguns sinais de distúrbio podem ser detectados em crianças ainda muito pequenas, observando a reação que ela terá aos sons emitidos, se há

falta de contato nos olhos, ausência da fala ou fala incompreensível, vocabulário pequeno, dificuldade de interação social.

O diagnóstico e a intervenção são elementos determinantes para assegurar o desenvolvimento de crianças com distúrbios linguísticos. Educadores e todos os profissionais que trabalham com os pequenos devem saber que os primeiros anos de vida são os mais relevantes para a formação linguística, portanto, esses profissionais devem estar atentos aos sinais de atraso ou qualquer alteração durante a aquisição da linguagem.

O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA PELA CRIANÇA

Na área da educação discute-se muito sobre a aquisição da linguagem escrita, não há na verdade um consenso entre alguns especialistas sobre a melhor forma de alfabetizar. Os métodos de alfabetização são divididos em sintéticos e analíticos, o primeiro utilizado e permanece até os dias atuais é o sintético, a ideia deste, é que a aquisição da escrita acontece a partir das unidades menores da palavra, para estabelecer relação entre a fala e a representação escrita, ou seja, grafema/fonema. Já o analítico, parte do maior para o menor, do todo para as partes menores, sendo conhecido como método global.

No campo da psicologia, há também diferentes teorias para entender o desenvolvimento da linguagem escrita, este desenvolvimento na perspectiva histórico cultural é uma técnica culturalmente desenvolvida pela humanidade.

Na visão Alexander Romanovich Lúria, o processo da escrita não ocorre de maneira simples e linear, é um caminho longo a ser percorrido e de acordo com o momento histórico atual. Em seus estudos sobre a aquisição da escrita, Lúria desenvolveu uma pesquisa sobre o desenvolvimento da escrita com um grupo de crianças russas e camponeses iletrados. Inspirado na teoria histórico cultural de Vygotsky, analisou o funcionamento da atenção e memória e a aquisição da escrita. Nesta teoria a aprendizagem acontece por meio de mediações de instrumentos e signos. Vygotsky em sua abordagem informa que as funções psíquicas superiores são processos mediados, e os signos fazem parte de um meio para governá-las.

Segundo Lúria o desenvolvimento infantil ocorre por causa da necessidade dos relacionamentos sociais, neste ponto de vista a formação do indivíduo não é

adaptado ao meio, mas uma construção histórica de relação entre as pessoas para suprir suas necessidades humanas. Para o ser humano conseguir atender seus interesses por meio da comunicação, nasceu então a linguagem.

Lúria analisou a linguagem como um instrumento determinante para a atividade consciente do homem, diferenciando-o dos animais. Segundo o autor a comunicação verbal foi primeiramente necessária para o indivíduo em suas atividades práticas (trabalho). Posteriormente a função da linguagem se tornou mais complexa, deixando de ser uma comunicação somente em função do trabalho, passando a atender todas as formas de interação do homem.

Este psicólogo entendia que o processo de aquisição da escrita iniciava-se antes da criança entrar na vida escolar, pelo motivo dela já possuir algum conhecimento de escrita. O conceito de escrita tem origem antes da escolarização porque a criança já aprendeu e assimilou determinado número de técnicas que a preparará para entender os signos gráficos.

Ao atingir a idade da alfabetização a criança começa a interagir com o sistema de signos que poderão ser totalmente desconhecidos para ela, caso nunca tenha tido contato com as letras. O autor relata que devem ser desenvolvidos pré-requisitos para que as elas possam compreender a função da escrita e a sua importância para o uso da memória, registro de ideias e conceitos. Esta aprendizagem, não acontece de forma linear e nem ao mesmo tempo para todos.

Lúria investigou que aproximadamente aos três anos, os pequenos rabiscam brincando, não representam nesta idade à escrita com conceitos gráficos, somente desenhos no papel. Eles tentam imitar a escrita dos adultos ao produzir rabiscos, sem uma função de informação a ser lembrada porque eles não recordarão o que quiseram representar depois de passado algumas horas, em razão de não ter ainda desenvolvido a função mnemônica.

A criança por meio das interações sociais vai estabelecendo relações com a escrita, conforme suas experiências vividas vai adquirindo significações para o uso desta, que passa a ser internalizada por meio das mediações as quais vão sucedendo. Conforme essas interações acontecem, as funções psicológicas superiores avançam e os conceitos da escrita vão se ajustando, mesmo sem ainda ter o conhecimento do sistema da escrita alfabética.

A PISCOGÊNESE DA LINGUA ESCRITA

A psicolinguísta argentina Emília Ferreiro juntamente com sua amiga Ana Teberosky, buscaram em suas pesquisas com crianças, entender como elas constroem hipóteses sobre a escrita. Ela mostra em seus estudos que todos os conhecimentos possuem uma gênese, explica como a criança inicia no mundo letrado mesmo ainda sem compreender o sistema alfabético.

Em suas experiências e estudos feitos com crianças, iniciadas em 1974, a pesquisadora usou os conhecimentos da psicolinguística e a teoria epistemológica de Jean Piaget. Ao contrariar a teoria tradicional de alfabetização, ela apresenta um fundamento construtivista, onde o aluno produz seu conhecimento e passa a ser visto como um sujeito e não como objeto de conhecimento.

A pesquisadora foi inspirada no desvendamento das causas que impediam as crianças de ler e escrever, para a autora esse problema era consequência do erro da escola em apostar na alfabetização mecânica e repetitiva e outro fato seria um problema de dimensão social. Ela afirma que as crianças desfavorecidas financeiramente e socialmente, e que não teriam muito contato com o mundo letrado são as mais prejudicadas com as desigualdades sociais e educacionais.

Em sua teoria, Ferreiro e Teberosky conceituam que a aquisição da escrita é baseado no sujeito em interação com o objeto de conhecimento (escrita). Mostram que a criança antes de iniciar na vida escolar já tem ideias e hipóteses sobre o sistema alfabético, descrevendo as fases do desenvolvimento em que a criança passa, até que se aproprie da escrita. De acordo com a teoria da psicogênese, toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada:

- ✓ Pré-silábico: A criança percebe que a escrita representa a fala, mas ainda não consegue relacionar letras aos seus respectivos sons. Tenta representar a escrita por meio de rabiscos e desenhos
- ✓ Silábico: nesta fase a criança interpreta a letra como se fosse uma sílaba, cada letra representa uma sílaba.
- ✓ Silábico alfabético: Mistura a fase anterior com a identificação de algumas sílabas
- ✓ Alfabético: Domina o valor sonoro das letras, reproduzindo todos os fonemas da palavra.

Emília Ferreiro não propõe nenhum método de alfabetização, apenas critica o a forma mecanicista tradicional, por não considerar o aluno como um sujeito capaz de pensar. Mesmo assim houve alguns equívocos relacionados à psicogênese da língua escrita, por considerá-la um método, o qual o aluno constrói seu conhecimento sozinho com poucas intervenções e sem a necessidade de aprender primeiro uma técnica baseada na codificação e decodificação. Os professores querendo inovar abandonaram essa técnica de alfabetizar apostando no novo tema "letrar" com o uso de textos completos.

A criança não aprenderá a ler e escrever, se for somente lhe apresentado textos como alguns professores conceituam erroneamente o construtivismo, a alfabetização também envolve sistema fonológico e sistema ortográfico. A teoria construtivista reconhece que as letras e os sons constituam atividades importantes no processo de alfabetização, entretanto são atividades que devem ser desenvolvidas de modo contextualizado e interessante para as crianças.

COMO A NEUROCIÊNCIA EXPLICA A NOSSA CAPACIDADE DE LER

A neurociência a partir dos anos 70 alcançou progressos consideráveis do cérebro humano. Os estudos e experiências com tecnologias de imagens identificaram as bases neurais do psiquismo e como acontece o processo da leitura. No livro "Os neurônios da leitura" Stanislas Dehaene menciona que por muito tempo houve um dualismo platônico estabelecida pela tradição ocidental, no qual o biológico se opõe ao cultural. Este neurocientista defende que o cultural não existe sem o biológico, e que os processos cerebrais não acontecem sem a ação do ambiente. No desenvolvimento do homem, o cultural não pode ser pensado sem o biológico e que o cerebral não acontece sem a ação poderosa do ambiente cultural, uma combinação perfeita entre genes e ambiente.

O cérebro humano passou por uma imensa evolução, desde o nosso mais distante ancestral, o cérebro do homo sapiens, evoluiu tanto no tamanho quanto no número de neurônios, esse enriquecimento genético permite que a leitura se inscreva na memória. O livro de Dehaene mostra a importância sobre as neurociências de leitura, essa começa segundo ele, a partir do reconhecimento das letras pela retina

e extração dos componentes das bases das palavras, como as sílabas. O nosso sistema visual atua com os neurônios para que ocorra decifração da leitura.

Para aprender a ler, o cérebro da criança faz conexão com dois sistemas cerebrais: o sistema visual (reconhecimento das formas) e o linguístico. O desenvolvimento linguístico e visual da criança é essencial para preparar seu cérebro no decorrer da aprendizagem da leitura. Dahaene conceitua o processo de aprendizagem de leitura de reciclagem neural. Essa reciclagem acontece, devido ao nosso cérebro não possuir uma área específica programada para a leitura, ele possui uma plasticidade sináptica desde que nascemos que oportuniza este aprendizado. Então, para aprender a ler os neurônios específicos para reconhecimento visual de objetos e formas faz uma adaptação no córtex visual para reconhecer letras e palavras, possibilitando uma conversão nas redes de neurônios, as quais são específicas para reconhecer formas, passando primeiramente a reconhecer letras e palavras e com o tempo vai automatizando a leitura.

Este reconhecimento acontece no córtex occipitotemporal esquerdo, e se por algum motivo este não estiver ativado, então a região do hemisfério direito entra em ação. Essa aprendizagem vai acontecendo aos poucos no cérebro humano, que vai se modificando ao interagir com o ambiente cultural.

Segundo a psicóloga Uta Frith para aprender a ler, a criança passa por três grandes etapas de modo contínuo, podendo levar meses ou anos para avançar de uma etapa a outra, a transição de um leitor primário para um leitor fluente é lenta. A primeira etapa é a logográfica ou pictórica, a qual ocorre aproximadamente aos 5 ou 6 anos, nesta fase a criança não compreende a estrutura da escrita. Desta forma, seu sistema visual reconhece apenas a forma global das palavras, e reconhece algumas marcas de propaganda como “coca cola” trata-se de uma pseudoleitura. Nessa fase o cérebro infantil realiza uma visão global da palavra pela memorização de um significado ao qual ela conhece pelo contexto, sem entender a composição interna com as letras e seus respectivos sons.

A segunda etapa da leitura é o desenvolvimento da consciência fonológica, na qual a criança já associa em cada letra à suas pronúncias. Esta etapa fonológica aparece no início da escolarização (alfabetização) por volta dos 6 ou 7 anos. Mesmo que a criança tenha memorizado as formas e os nomes das letras, essa aprendizagem pode não ser eficiente na leitura, está muito longe se uma

alfabetização, pois as letras e seus nomes não ajudam a aprender a ler, mas sim as letras e seus respectivos sons. Os fonemas das letras são abstrações que a criança deverá descobrir, um grande esforço mental é exigido pelo cérebro que ainda não lê, para que seja descoberto que a fala pode ser decomposta em fonemas, que quando organizados de forma sequenciada (b/a) se pronuncia “BA”.

Esta fase da consciência fonêmica, segundo o psicólogo José de Moraes não é automática, o código alfabético deve precisa ser ensinado de forma explícita para a criança. José de Moraes juntamente com seus colegas demonstraram em seus trabalhos, que a tomada de consciência não é automática até mesmo em um adulto. E para provar solicitaram vários tipos de manipulações da língua falada em adultos portugueses alfabetizados e analfabetos de nível sócio-econômico equivalente. Em seus experimentos usaram, por exemplo, as palavras: tábua e touro perguntando se começavam com a mesma letra e quantos sons possuíam. Em outros momentos, pediam a troca de letras iniciais de algumas palavras, usando o jogo das substituições. Os analfabetos fracassaram sistematicamente no jogo de manipulação dos fonemas, embora não apresentem nenhuma dificuldade em discriminar os sons da fala.

Os dados mostram que quanto mais a criança manipula conscientemente os fonemas, mais rápido ela aprenderá a ler. Os jogos que treinam a criança discriminar os sons, melhoram não somente a consciência fonêmica, mas também a preparará para o sucesso na leitura. Por este motivo, muitos autores afirmam que uma boa consciência fonêmica é uma condição preliminar indispensável para a aquisição da leitura. Em outras palavras, a descoberta dos fonemas precederá a dos grafemas. Nesta etapa, o leitor iniciante sabe ler algumas palavras simples, iniciadas por uma consoante e uma vogal, mas apresenta dificuldades quando as palavras aumentam o número de consoantes. Também apresenta dificuldade em palavras irregulares, por exemplo, “fixo” que se lê fikiso e não ficho. Isso indica que a criança aprende a partir do mais simples para o mais complexo, as primeiras leituras acontecem pelas letras regulares, progressivamente aprende os grafemas mais raros e complexos nas palavras.

A etapa ortográfica, a criança atinge o domínio das palavras irregulares e as sílabas de estrutura mais complexas. Neste estágio a criança não apresenta dificuldade em ler palavras pelo seu número de letras ou complexidade dos grafemas,

ela consegue decodificar facilmente, exceto em palavras desconhecidas. Resumindo esta etapa, ela se caracteriza por um paralelismo crescente do reconhecimento de palavras.

A ciência conseguiu fazer o mapa da leitura no cérebro humano, descobrindo que cada parte dele possui uma área reservada para uma determinada função. Mas, para a área da leitura ainda não teve tempo de desenvolver uma região específica, pois a escrita tem apenas cinco mil anos, considerando o desenvolvimento da espécie humana ainda é muito recente, não houve tempo o suficiente para a região cerebral desenvolver uma área determinada para a leitura. A máquina de ressonância magnética traz a descoberta que o lado esquerdo do nosso cérebro é ativado quando lemos, precisamente atrás da orelha. Foi feita essa experiência com um grupo de pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas, as quais foram examinadas pela máquina. Nas pessoas alfabetizadas foram ativadas as áreas da linguagem e da visão. Já os analfabetos, ao serem expostos às letras, não ativam essa área.

Stanistas Deahaene discorda do método global de alfabetização, considerando este como ineficaz, o cérebro humano não lê de maneira global, ele decodifica letras. É necessário ensinar a criança a conhecer os diferentes sons que compõe uma palavra. Diz ele que as descobertas dos estudos científicos sobre alfabetização, precisam ser levados para a sala de aula.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada de forma qualitativa, por meio de um estudo bibliográfico, através de livros, sites e artigos científicos na área da educação. Foi pesquisado sobre as teorias que fundamentam a aquisição da linguagem. Nesta pesquisa bibliográfica, foi abordado teoria de autores como Vygotsk (1896-1934), Piaget (1986-1980), Emilia Ferreiro (1936), Alexander Lúria (1902-1977), Chomyshy (1958), Skinner (1904-1990), e as pesquisas e descobertas ligadas a neurociência. Todas essas teorias descritas neste texto são fundamentadas em artigos científicos e livros como: Aquisição da linguagem – Uma abordagem psicolinguística de Alessandra Del Ré. Livro: Os neurônios da leitura de Stanislas Dehaene (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, este artigo apresenta algumas teorias que explicam a aquisição da linguagem oral e escrita, é mostrado aqui a importância desta aquisição na infância, e que seu atraso gera atrasos futuros no desenvolvimento infantil e problemas com a interação social.

O desenvolvimento linguístico possibilita a inserção no meio social, favorece o avanço no aspecto cognitivo e afetivo do ser humano.

A aquisição da linguagem oral ocorre naturalmente, enquanto a escrita precisa de um ensino mais sistematizado. O meio ambiente e o fator biológico possibilitará o processo destas aprendizagens linguísticas. Alguns teóricos enfatizam o biológico, enquanto outros o meio ambiente juntamente com a interação.

A intenção neste texto, foi trazer várias ideias e teorias que exploram este tema, aqui não é defendida nenhuma abordagem como certo ou errada, apenas é mantido o sentido original encontrado em livros e artigos científicos.

REFERÊNCIAS

Bordignon, Lorita Helena C. O processo de aquisição de escrita pela criança: Dialogando com Alexander Romanovich Lúria. **Educare XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR**. 26 a 29/10/2015. Disponível em: [Hhttps://educere.bruc.com.br](https://educere.bruc.com.br). Acesso em: 03/11/2020

Del Ré, Alessandra. **Aquisição da Linguagem: Uma abordagem Psicolinguística**. Editora: Contexto. 2009.

Dehaena, Stanislas. **Os Neurônios da Leitura: Como a Ciência Explica nossa capacidade de ler**. Tradução: Leonor Scliar – Cabral. Porto Alegre. Editora Penso, 2012.

Mendonça, Onaide S. **Psicogênese da língua escrita: Contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. Unesp. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br>. Acesso em: 08/11/2020

Miranda, Josete barbosa; Senra, Luciana Xavier; **Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de piaget, vygotsky e maturana**. 15/09/2012. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0306.pdf>. Acesso em 13/11/2020.

Montoya, Adrian O. D. **Pensamento e linguagem: Percurso Piagetiano de Investigação.** Psicologia em estudo, Maringá. 2012. Disponível em: <http://www.sielo.br>. Acesso em 22/10/2020

Spayer, Letícia Pimenta Costa; Martins, Vanessa de Oliveira; **Distúrbios da fala e da linguagem na infância.** UFMB. Disponível em: https://ftp.medicina.ufmg.br/ped/Arquivos/2013/disturbiofalaeimagem8periodo_21_08_2013.pdf. Acesso em: 02/12/2020